

Katie McGarry

NO LIMITE E PERIGO

Tradução
Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

Isaiah

Onze anos, dois meses e sete dias.

A última vez que tive contato físico com um parente.

Os dedos da minha mão esquerda tamborilam no volante, e a mão direita agarra o câmbio. A necessidade de engatar a primeira, pisar no acelerador e sair do estacionamento cinza deprimente pulsa pelas minhas veias.

Obrigo meus dedos rígidos a soltarem o câmbio. A música seria capaz de diminuir o estresse, mas o baixo nos alto-falantes vibra de um jeito que poderia chamar atenção para o meu carro escondido no estacionamento reservado para funcionários. Daqui posso observar os visitantes entrando e saindo do prédio do serviço social.

Noventa minutos atrás, minha mãe entrou ali. Agora preciso vê-la sair. A cada inalação de ar frio, a vontade de ir embora aumenta. Assim como a vontade de encontrá-la.

O aquecedor morreu meia hora atrás, e o motor parou duas vezes. Mais alguns item para acrescentar à lista cada vez maior de consertos. Como só precisa de uma nova resistência, o aquecedor vai ser um reparo barato.

Meu celular toca. Sem olhar o identificador de chamadas, eu sei quem é, mas atendo mesmo assim.

— Oi.

— Estou te vendo. — A irritação acentua o sotaque sulista da minha assistente social. — Ela está esperando.

Meus olhos flutuam até as janelas de canto, perto do cubículo dela, a uns dois metros do meu carro. Courtney abre a persiana e coloca uma mão no quadril. Seu rabo de cavalo balança de um lado para o outro, como se ela fosse um cavalo de corrida zangado. Recém-formada, ela foi designada para o meu caso em junho. Acho que o chefe dela pensou que ela não ia conseguir me ferrar mais do que eu já estou.

— Eu te avisei pra não marcar uma visita. — Eu a encaro como se estivéssemos no mesmo ambiente. O que eu gosto na Courtney? Ela encara de volta. Ela é uma das três pessoas que têm coragem de manter contato visual com um cara de dezessete anos todo tatuado, com a cabeça raspada e de brincos. A segunda é o meu melhor amigo. A terceira... bom, a terceira era a garota que eu amava.

Courtney suspira e o rabo de cavalo fica parado.

— É véspera de Natal, Isaiah. Ela chegou mais cedo e trouxe presentes pra você. Ela esperou pacientemente por uma visita de trinta minutos que deveria ter acabado quarenta minutos atrás.

Esperou. Pacientemente. Meu pescoço enrijece e eu o viro de um lado para o outro para evitar explodir com a pessoa errada.

— Dez anos.

Jogo essas duas palavras em cima da Courtney toda vez que ela fala da minha mãe. Ela abaixa o queixo.

— Não faça isso. Ela teve os motivos dela, e quer falar com você.

Aumento o tom de voz e soco o volante.

— Dez anos!

— Podiam ter sido quinze, mas ela foi uma prisioneira exemplar — diz ela, como se isso fosse uma concessão a favor da minha mãe. — Ela escreveu pra você uma vez por semana.

Olho para Courtney com raiva através do para-brisa.

— Então seja assistente social *dela*, porque parece que você gosta pra caramba da minha mãe. Ela saiu faz mais de um ano e só agora veio me visitar.

— Isaiah — diz Courtney, derrotada. — Entra. Dá uma chance pra ela.

Coloco um pé na embreagem e o outro no acelerador. Meu motor ruge de raiva, e a lataria do carro vibra com a necessidade de correr. A Third Street acaba no prédio do serviço social, e minha vaga dá uma visão clara para a faixa vazia da rua. Dar uma chance à minha mãe? Por que eu deveria? Quando foi que eu tive uma?

— Você não tem ideia do que ela fez — digo.

— Eu tenho — Courtney suaviza a voz.

— Não estou falando de quando ela foi pra prisão. — Balanço a cabeça como se a ação pudesse dissipar a lembrança que passa pela minha mente. — Você não tem ideia do que ela fez comigo.

— Tenho sim. — Uma pausa. — Entra. A gente pode resolver isso. Não. Isso nunca pode ser resolvido.

— Você sabia que os semáforos da Third Street têm cronômetro? — pergunto. — E que, se você alcançar a velocidade certa, dá pra cruzar a rua de uma ponta à outra sem ver um único sinal vermelho?

Courtney bate com o punho no vidro.

— Não se atreva!

Acelero mais uma vez.

— Você já percorreu quatrocentos metros em dez segundos, Courtney?

— Isaiah! É melhor você...

Pressiono desligar e jogo o celular no banco do carona. Focado no sinal vermelho, engato a primeira enquanto meu pé flutua sobre o pedal do acelerador. Velocidade. É o que almejo. Posso correr dos sentimentos. O sinal muda, solto a embreagem e meu corpo cola com força no assento enquanto meu pé afunda o acelerador.

É possível ser mais rápido que as lembranças?

Rachel

Garçons vestidos de branco saem freneticamente do meu caminho conforme disparo pelo salão. As caras obras de arte nas paredes se tornam um borrão colorido quanto mais eu me apresso. Minha respiração sai acelerada e meu vestido se agita e se enrugando sobre si mesmo. Estou fazendo muito barulho e chamando muita atenção. Nada disso é bom, já que estou tentando uma fuga rápida.

Meus sapatos de salto balançam em minha mão direita, e ergo a barra do vestido de festa azul-petróleo cintilante com a outra. Cinderela fugiu porque sua carruagem ia voltar a ser abóbora. Estou fugindo porque preferia estar suja de graxa até os joelhos.

Virando em mais uma curva, entro no corredor vazio perto da cozinha do clube. O som da multidão rindo e as batidas ritmadas da banda de jazz se tornam abafados quanto mais me distancio. Mais alguns passos e estarei livre em meu querido e amado Mustang.

— Te peguei! — Dedos deslizam pelo meu braço, e sinto como uma chicotada. Meu cabelo voa para frente e depois para trás, atingindo meu rosto. Um cacho que fora modelado à mão quica perto do meu olho quando se solta da presilha enfeitada que prende as laterais do meu cabelo.

Meu irmão gêmeo me vira para encará-lo. Um toque de riso brinca em seus lábios.

— Aonde você está indo, irmãzinha?

— Ao banheiro. — Para o estacionamento e o mais longe possível do salão de baile.

Ethan aponta para trás, para o longo corredor.

— O banheiro feminino fica naquela direção.

Eu me inclino para ele. Meus olhos se arregalam, e eu me pergunto se pareço louca, porque me sinto um pouco louca.

— A mamãe quer que eu faça um discurso. Um discurso! Não consigo fazer um discurso. Não consigo! Você lembra a última vez que ela me colocou para ser o centro das atenções? Dois anos atrás, quando ela preparou aquela festa de quinze anos “surpresa” horrorosa. Eu vomitei. *Pra todo lado*.

— É, eu estava lá. Até eu fiquei com nojo. — O rosto dele se contrai fingindo aversão. Ethan está rindo de mim, e eu não posso ser motivo de chacota de ninguém; pelo menos, não agora.

Agarro sua camisa social e o sacudo. Ou tento. O garoto não se abala.

— Levei meses para ter coragem de falar de novo no colégio. Todo mundo lá tem boa memória, Ethan, e eles acabaram de esquecer. Eu gostaria de ser beijada antes de terminar o ensino médio. E os garotos não beijam garotas que ficam toda hora vomitando.

— Você já notou que fala muito quando está à beira de um ataque de pânico? — Ethan está brincando, mas meu pânico é real. Estou perto de ter um ataque. Muito perto. E, se eu não sair logo daqui, ele vai descobrir meu segredo. — Além do mais — ele continua —, isso foi há dois anos. Tudo bem, você detesta falar em público. Você vai suar muito, gaguejar um pouco e seguir em frente.

Engulo em seco. Se pelo menos fosse esse o meu pior medo.

Ethan é o oposto de mim. Ele se parece com o papai, o cabelo preto e os olhos escuros, tem uns trinta centímetros a mais que eu e é corajoso. Seus olhos se estreitam e ele inclina a cabeça, como se a última palavra da minha explosão de repente se encaixasse.

— Você disse *vomitando*. O que significa um ataque de pânico de verdade. Achei que você tinha superado isso.

Meus dedos se enroscam com mais força no tecido de sua camisa. Estraguei tudo. Como pude cometer um erro tão negligente? Durante

dois anos, escondi um segredo da minha família: que eu ainda tenho ataques de pânico. Que, quando sou o centro das atenções ou fico ansiosa ou estressada demais, fico paralisada e perco a capacidade de respirar. O enjoo se embola em meu estômago, a bile sobe à garganta e a pressão aumenta até eu vomitar.

A vida tem sido difícil para os meus pais e os meus dois irmãos mais velhos. Depois da festa de aniversário horrível, decidi que eles nunca teriam de se preocupar comigo — a garota que não vai morrer por causa dessa doença.

— Eu superei — digo. — É só que não quero fazer papel de boba. Eu... eu... — Não consigo pensar em nada suficientemente bom para me tirar dessa. — Eu esqueci o discurso e deixei minhas anotações em casa, vou parecer uma idiota. — Uau, que escapada fantástica. — Olha, vou pedir anistia de gêmeos para essa questão.

Seus olhos escrutinam meu rosto. Tenho certeza que ele está analisando meu nível de quase loucura. Anos atrás, concordamos em dar cobertura um para o outro dez vezes por ano, independentemente das consequências. Ethan esgotou seus cartões de anistia semanas atrás, e eu geralmente uso os meus para sair de carro à meia-noite e poder forçar o velocímetro do meu Mustang.

— Você só tem mais um cartão de anistia para este ano — diz ele, um claro lembrete de que, em alguns dias, quando o novo ano vier nos cumprimentar, vamos começar com um quadro em branco, e eu vou dar cobertura para ele de novo. — Tem certeza que quer gastar seu cartão com isso? — continua ele. — Faz o discurso e eu te dou cobertura mais tarde, quando você escapar pra dirigir o Mustang. Dirigir sempre faz você se sentir melhor, e esse passeio deve ser relativamente livre de culpa. Vai ser sua primeira corrida à meia-noite permitida por lei.

Meu irmão gosta de ficar me lembrando de que minha paixão por dirigir tarde da noite era ilegal quando eu tinha uma carteira de motorista provisória. Ethan está certo: eu adoro dirigir e agora tenho uma carteira definitiva. O único jeito de ser pega por quebrar o toque de recolher é se Ethan me entregar ou se eu sair antes do discurso. E qualquer uma dessas opções vai significar um castigo pelo resto da vida.

Tudo isso deve ser levado em consideração, e eu devia estar pensando logicamente, mas abandonei a lógica no salão de baile. Minha pulsação começa a latejar nos ouvidos.

— Tenho. — Definitivamente. — Vou usar meu cartão agora.

Ele solta meu braço e olha para baixo, para onde meus dedos ainda estão agarrando sua camisa.

— Eu não te vi. Entendeu? Você escapou pela entrada e nós nunca nos falamos. Não vou levar esporro do Gavin por causa disso, com ou sem anistia de gêmeos.

— Não vai levar esporro pelo quê? — A voz grave de Gavin soa no corredor. Minha esperança se desintegra e desaba no chão. Droga. Nunca vou sair daqui.

Eu me obrigo a soltar Ethan e forço um sorriso, apesar de meu coração martelar as costelas. Meus irmãos estão acostumados com meu temperamento, o que Ethan irritantemente chama de raios de sol e arco-íris. Eu *com certeza* vou fingir raios de sol e arco-íris mesmo que seja difícil.

— Oi, Gavin. Eu te vi dançando com a Jeannie Riley. Ela é legal.

Gavin é o mais velho da ninhada de cinco filhos dos meus pais. Somos uma família unida, apesar de haver uma grande diferença de idade entre os irmãos. Gavin tinha oito anos e Jack, sete, quando Ethan e eu nascemos. Jack está ao lado de Gavin, e os dois cruzam os braços quando nos veem. Acho que desta vez não consegui fingir raios de sol e arco-íris tão bem.

— A mamãe está te procurando — diz Jack. — Tá na hora do seu discurso. — Ele é quieto, e esse pode ser seu mais longo monólogo da noite. O que torna mais difícil para mim dizer não.

— Vamos lá, Rach — diz Gavin. — Foi você que falou com a mamãe e o papai para fazer o discurso hoje. Não o contrário. Você precisa superar esse medo de estar sob os holofotes. É tudo coisa da sua cabeça. Era diferente quando você tinha sete anos, mas agora já deu. Você está no segundo ano do ensino médio, pelo amor de Deus.

Gavin tem razão. Eu me ofereci para falar no evento de leucemia. Aproximadamente duas semanas atrás, peguei minha mãe chorando e

olhando a foto da filha mais velha, Colleen, e detestei ver a dor em seus olhos. Dias antes, eu ouvira sem querer minha mãe contar a uma amiga que sempre sonhou comigo falando em homenagem à Colleen. Quando a amiga sugeriu que minha mãe me pedisse para participar do evento beneficente, ela recusou, dizendo que nunca me colocaria em uma situação que me deixasse desconfortável.

Minha mãe tem vivido um inferno há mais de vinte e um anos, e o único motivo de meu nascimento foi fazê-la se sentir melhor. Ela ainda chora, então acho que não estou fazendo um trabalho muito bom.

Meu estômago se contrai e minhas mãos começam a suar. Está vindo — o ataque. Tento lembrar o que disse a terapeuta do ensino fundamental sobre respiração, mas não consigo respirar quando meus pulmões não se expandem.

— Mudei de ideia — sussurro. — Não posso fazer o discurso. — Preciso sair rápido daqui, ou todo mundo vai saber que andei mentindo. Eles vão saber que eu ainda tenho ataques.

— Você vai mesmo deixar a gente na mão? — pergunta Gavin.

O rangido da porta dos fundos anuncia a chegada do meu último irmão. Com uma passada tranquila, West se junta a nosso círculo particular. Nós dois nos parecemos com a nossa mãe, com o cabelo loiro e os olhos tão azuis que quase parecem violeta. Com a camisa do smoking e a gravata-borboleta desfeita, West usa um boné de beisebol virado para trás.

— Não sei o que está acontecendo, mas vocês deviam deixar minha irmãzinha em paz.

— Tira esse boné, West — diz Gavin. — A mamãe disse que não queria ver nada na sua cabeça até amanhã de manhã.

Gavin nos lidera. Sempre foi assim. Mas o fato de nós quatro sempre obedecermos não significa que achamos Gavin maravilhoso. Na verdade, Ethan, West e eu o achamos irritante. E Jack é o melhor amigo dele.

West tira o boné da cabeça e dá o sorriso que diz que ele está caçando... de novo.

— Tinha uma garota, e ela gosta de bonés.

Reviro os olhos enquanto meus irmãos dão risadinhas. Sempre tem uma garota. Menos de um ano mais velho que Ethan e eu, West é a nos-

sa versão adolescente de caras de reality shows da MTV que transam com uma garota diferente a cada noite. E, para nossa sorte, Ethan e eu temos assento na primeira fila para ver o show de West.

— Você é um porco.

West balança as sobrelhas para mim.

— Oinc.

Gavin aponta para ele.

— Nada de boné. — West o guarda no bolso traseiro da calça social.

Gavin vira para Ethan:

— Ela não vai escapar dessa, então para de tentar pegar a chave dela.

Minha cabeça vira de repente para a pequena bolsa presa a meu pulso, e pego Ethan escorregando a mão, já com a minha chave em punho. Gavin faz sinal com os dedos para Ethan entregá-las. Com uma bufada de raiva, Ethan lança para meu irmão mais velho minha única chance de escapar.

Gavin ergue os braços na lateral do corpo conforme se aproxima de nós. É um gesto que faz com que eu me sinta parte dessa família unida, mas o ato também faz Gavin, que já é enorme, parecer ainda maior. Seu corpo abarca o pequeno corredor de tal forma que eu encolho os braços e pernas para lhe dar mais espaço. Cada um de nós reage a Gavin de um jeito, mas eu sempre recuo, porque sou a mais nova, a mais baixa e a mais fraca.

— Isso é importante para a mamãe e o papai — diz Gavin. — E se você não entrar lá para dizer algumas palavras, vai decepcionar os dois. Pensa em como vai ficar chateada mais tarde, quando a culpa te devorar.

Um nó se forma em minha garganta e meus pulmões se contraem. Gavin está certo. Detesto decepcionar minha mãe e meu pai e não lido muito bem com a culpa. Mas, se eu decidir fugir, pelo menos não vou correr o risco de me humilhar em público.

— Rach — Gavin implora. — É importante pra eles.

— Para nós — complementa Jack.

Inspiro profundamente para não ter ânsia de vômito. Minha mãe e meu pai fazem esse evento na semana entre o Natal e o Ano-Novo há dezesseis anos. Significa muito não só para eles, mas para Gavin e Jack

também. Meus aliados mais fortes, Ethan e West, abaixam a cabeça. Para nós três, essa noite nos lembra por que estamos vivos, por que minha mãe teve outros filhos. Ela queria outra menina.

West arrasta os pés.

— Respira durante o discurso, tá? Olha pra mim ou pro Ethan enquanto fala.

Ethan dá de ombros.

— Ou olha para o Gavin e finje que ele desenvolveu chifres pra combinar com esse nariz ofensivamente grande.

Gavin mostra o dedo do meio para Ethan, e logo meus irmãos estão lançando insultos como atletas lançam bolas. Não quero fazer um discurso. Meus irmãos me veem como fraca, e talvez eu seja mesmo, mas o que posso fazer para entenderem que não tenho controle sobre o pânico que me domina?

— Por que eu? Por que não um de vocês?

Minhas perguntas interrompem o alvoroço de insultos. Os quatro trocam olhares prolongados. Eu sei a resposta, mas, se vou ter que fazer o discurso, alguém tem de admitir em voz alta.

— Porque — diz Gavin — a mamãe quis você.

Não, não quis, mas sou a melhor substituição que meu pai pôde dar a ela. Fecho os olhos e tento encontrar algum tipo de centro. Vou fazer isso. Vou fazer o discurso. Se tiver sorte, a pior coisa que pode me acontecer é gaguejar e tremer durante a apresentação. Por que a mamãe e o papai tinham que convidar os amigos do West e do Ethan este ano? Por quê?

— Eu nunca vou ser beijada.

Abro os olhos e vejo meus irmãos me olhando boquiabertos, como se eu estivesse louca.

— Você não beija garotos — diz West. — Os garotos não devem nem chegar perto de você. Os caras só querem uma coisa, Rach, e não é conversar. Eu sei bem. — Ele encerra o assunto cheio de frustração, depois balança a cabeça enquanto volta a falar: — Por que é que estamos falando nisso? Você não está saindo com ninguém.

— Ah, merda — resmungo Jack. — Vamos ter uma conversa sobre sexo com a nossa irmãzinha.

— Ela está namorando? — Gavin pergunta a West e Ethan. — Ela não pode estar namorando. Agora a gente vai ter que dar uma surra em um adolescente tarado. Vocês deviam ter me falado que isso estava acontecendo.

— Faça eles pararem — sussurro para Ethan. Além do pavor de discursos e de vômito, também estou morrendo de vergonha.

— Ela não está namorando! — West estremece como se estivesse coberto de aranhas. — Isso é nojento, Rach. Não fala assim. Nunca mais.

Gavin me lança um olhar furioso que claramente quer dizer para eu desistir de beijar e namorar, antes de voltar para o salão de baile. O olhar não faz sentido para mim, já que qualquer uma dessas coisas exigiria que um cara demonstrasse interesse por mim, para começar.

Jack e West seguem Gavin, ambos resmungando sobre ter que dar uma surra em uns garotos. Ethan passa um braço pelo meu pescoço e me empurra para frente.

— Duas frases. No máximo, três.

Fácil falar. Não é ele que tem que ficar de pé na frente de centenas de pessoas. Cada uma delas prestando atenção em minhas palavras ditas e não ditas. Os adultos olhando e julgando minhas mãos trêmulas e minha voz gaguejada. E qualquer pessoa com dezoito anos ou menos vai dar risadinhas quando se lembrar do meu fracasso anterior na frente de uma multidão.

A cada passo, meus joelhos tremem como se fossem ceder, e um suor frio escorre pela minha nuca. Meu estômago se contrai, e eu ponho uma mão sobre a boca. Quando tombo de costas contra a parede, os olhos de Ethan se arregalam de preocupação. Meu olhar escapa para nossos irmãos, e ele pula na minha frente, bloqueando a visão deles.

— Me dá um segundo com a Rach — ele grita. — Prometo que ela não vai fugir.

— Ethan — aviso no instante em que ouço as portas do salão de baile se fecharem com um clique.

Meu irmão coloca a mão nas minhas costas, me conduz até o banheiro feminino e tranca a porta atrás de si. Solto os sapatos, que caem no chão do banheiro vazio fazendo barulho. Cambaleio e tropeço no vestido fofo e cheio de babados e mal consigo chegar ao vaso sanitário.

Ouço a água escorrendo na pia atrás de mim, e Ethan se aproxima quando consigo respirar por trinta segundos sem ter ânsia de vômito.

Ele me dá uma toalha de papel molhada com água fria.

— Tinha sangue?

Passo o papel no rosto, fortalecida.

— Não. Não conta pra mamãe nem pro papai, tá? Nem pra ninguém.

— Que merda. Achei que você não tinha mais isso desde o nono ano. — Eu me encolho com o misto de raiva e censura no tom de voz dele.

Eu odeio essa doença. Odeio de um jeito que faz meu sangue congelar e meus músculos pesados de raiva. Odeio o modo como minha família sempre me olhou, como se eu fosse frágil. Odeio como sempre fui uma decepção constante, enquanto meus irmãos se destacam em tantas coisas públicas, como nos esportes ou em grupos de debate.

Estou sempre na penumbra e, depois do meu desastroso aniversário de quinze anos, decidi engolir o problema e forçar uma aparência feliz, mesmo quando estou morrendo por dentro. Meu fingimento deve estar funcionando, já que meus pais me permitiram fazer o discurso quando ofereci. Eles nunca fariam nada para me incomodar de propósito.

— Você vem vomitando esse tempo todo? — insiste Ethan.

— Deixa pra lá.

Ele esfrega os olhos.

— A mamãe e o papai querem saber quando você tem um ataque de pânico. Eu quero saber. Isso não é brincadeira.

Minhas têmporas latejam. Sou o membro mais fraco dessa família. Sempre fui.

— Se eu contar, eles vão me mandar pra casa agora, e a mamãe vai ficar abalada. Vocês estão certos. Sou uma fracote e não consigo fazer isso. A noite de hoje não tem a ver comigo. Mas com a mamãe e o papai. É uma noite para se lembrarem da Colleen, e eu não posso estragar isso, entende?

Ethan desliza pela parede e senta ao meu lado.

— Eu te dou cobertura hoje à noite. Faz o discurso, depois vai dirigir um pouco. Eu dou um jeito de ninguém perceber que você saiu. — Ele suspira. — Faça qualquer coisa pra você não ficar doente de novo.